

Resenha bibliográfica 1

Beyond the green revolution: the ecology and politics of global agricultural development

Dahlberg, Kenneth A. *Beyond the Green Revolution: The Ecology and Politics of Global Agricultural Development*. Nova York: Plenum Press, 1979. 256 pp.

WILLIAM S. SAINT *

É rara a síntese multidisciplinar de pensamento crítico sobre qualquer tópico, o que talvez se deva à imensidão da tarefa. O livro marginado constitui uma exceção, pois nele Dahlberg aceita sem hesitação esse desafio e, ousadamente, vai além de um mero exercício de levantamento de dados para oferecer suas idéias sobre as implicações futuras — e apropriadas respostas de política — de certas tendências do desenvolvimento na agricultura. Sua intenção é: a) analisar a agricultura como interfacial básico entre as sociedades humanas e o meio ambiente onde vivem; e b) propor um novo método de análise holística que corrija as deficiências dos enfoques disciplinares tradicionais dos problemas do desenvolvimento e as freqüentes tendenciosidades ocidentais correlatas (p. v). Pondo em dúvida a universalidade da atual teoria aplicada a meios ambientais, históricos e culturais diversos, Dahlberg propõe a “análise contextual” como instrumento conceitual/metodológico apropriado para remediar tais erros. Embora desafie uma definição nítida, a análise contextual procura localizar devidamente um problema no tempo e no espaço.

* Da Fundação Ford (Rio de Janeiro).

Isto requer um equilíbrio dialético de compreensão entre amplos macroprocessos sócio-físicos e informação específica sobre o objeto da análise. Acima de tudo, a abordagem tenta, no contexto de um problema, delinear tendências passadas e identificar fatores limitadores correntes, num esforço para esclarecer futuras direções do desenvolvimento e possíveis opções de política.

Da forma realizada por Dahlberg, a análise contextual recorre a certo número de disciplinas das ciências físicas e sociais a fim de avaliar as possibilidades de criar "uma produção agrícola localmente adaptada que seja sustentável e produtiva" (p. 172). Colocando os esforços nacionais de modernização da agricultura em seus amplos contextos institucional, estrutural e cultural, nota ele a dependência cada vez maior desses esforços sobre fatores externos, tais como suprimento de petróleo, capitais e créditos internacionais, fontes externas de pesquisa, sistemas de distribuição e firmas de processamento multinacionais. Esta dependência leva a agroindústria a atuar como limitação a tendências progressistas e a fazer com que o centro de tomada de decisões, no que interessa à agricultura, se desloque cada vez mais para longe do fazendeiro, destarte reduzindo sua participação no processo de desenvolvimento. Como consequência correlata, a base de recursos da produção agrícola torna-se cada vez mais instável. Os atuais sistemas de monocultura centralizados e intensivos em energia provocam o declínio da fertilidade do solo, reduzem os suprimentos de água, ocasionando mudanças climáticas, a eles associadas, e perda de diversidade genética dos estoques de sementes.

Tomando o camponês como modelo e valendo-se abundantemente de trabalhos de ambientalistas, de defensores da tecnologia adequada e de humanistas radicais, sugere Dahlberg que estratégias específicas para o desenvolvimento agrícola futuro exigirão mudanças estruturais (como, por exemplo, fontes alternativas de energia, produção descentralizada), assim como prescrições específicas de política (servindo de exemplo o desenvolvimento que tem por base as necessidades locais, a conservação de recursos e a avaliação dos sistemas de produção sob o prisma da qualidade da vida). A visão oferecida pelo autor é de pequenas fazendas familiares, produção eficiente e diversificada e esforços de desenvolvimento local intensi-

vos, com grandes componentes participantes — todos eles dentro de uma estrutura governante descentralizada e caracterizada como um “novo tipo de federalismo” (p. 226). A mensagem subjacente à sua tese é sempre a de manter abertas as opções evolutivas.

O ponderado livro de Dahlberg possui um bom número de aspectos atraentes. São evitados na maior parte os escolhos potenciais da complexidade e da complicação, a discussão é elogiavelmente clara e arejada, conseguindo também, eficazmente, a fusão das disciplinas físicas e sociais. Além disso, o papel da História é apropriadamente destacado e usado como base para oferecimento de um prognóstico provisório.

Não obstante, a própria natureza da análise contextual força-o a pintar um quadro de vastas dimensões, amiúde em pinceladas muito ousadas. Em conseqüência disso, além de algumas vezes omitir detalhes vitais, não estão muito claros e freqüentemente parecem ser altamente subjetivos os critérios empregados na análise contextual para selecionar as variáveis relevantes. Assim, a despeito das pretensões do autor, a análise contextual constitui muito mais uma técnica pessoal do que uma teoria, e como tal, apesar dos seus demonstrados méritos, parece improvável que seja amplamente adotada por outros pesquisadores. A discussão descamba também ocasionalmente para a generalização excessiva, especialmente na crítica feita à Revolução Verde. Nessa seção, argumentos potencialmente fecundos foram simplificados a ponto de perderem toda utilidade, daí advindo o risco de afirmações insuficientemente alicerçadas em prova. O autor declara, por exemplo, que “um dos custos mais sérios associados à Revolução Verde... foi a perda de capacidade humana resultante da desnutrição” (p. 177). Não obstante, a única base de tal declaração parece ser uma publicação algo ultrapassada da UNRISD (p. 53).

Como síntese, pouco há de novo no livro, mas contém muito de oportuno e útil, mostrando-se amiúde estimulante quando desafia as opiniões tradicionais, como quando observa que as abordagens tradicionais do desenvolvimento destinam-se a fazer com que *eles*, e não *nós*, mudem — e sugere que nossa vez está-se aproximando rapidamente.

